

# BOLETIM DO MERCADO DA PINHA

CAMPANHA DE 2016/2017

***unac***



União da Floresta Mediterrânica



PROGRAMA DE  
DESENVOLVIMENTO  
RURAL 2014-2020



PORTUGAL  
2020



UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu Agrícola  
de Desenvolvimento Rural  
A Europa Investe nas Zonas Rurais

## **A UNAC UNIÃO DA FLORESTA MEDITERRÂNICA**

A UNAC representa os interesses dos produtores florestais do espaço mediterrânico português junto das instituições nacionais e europeias, através de uma estratégia de intervenção de cariz técnico-político. Acompanha e analisa todos os processos e iniciativas com relevância e interesse para os seus associados, como é o caso das políticas rurais, florestais, ambientais e fiscais. Através da UNAC, as organizações de produtores florestais do espaço mediterrânico definem posições comuns sobre temas estratégicos e transversais, desenvolvendo contributos e participações válidas, construtivas e tecnicamente fundamentadas.

Tem uma área territorial de influência de dois milhões de hectares, representando cerca de 700.000 hectares de áreas agroflorestais e cerca de 16.000 produtores.

## **FICHA TÉCNICA**

Edição: UNAC - União da Floresta Mediterrânica

Design Gráfico, Paginação e Preparação Gráfica: Whitespace

Impressão e Acabamento: Whitespace

Tiragem: 1.500 exemplares

Lisboa, Outubro 2017



## **ÍNDICE**

|           |                                                                           |
|-----------|---------------------------------------------------------------------------|
| <b>4</b>  | Nota Prévia                                                               |
| <b>4</b>  | Sumário Executivo                                                         |
| <b>5</b>  | <b>1. Enquadramento</b>                                                   |
| <b>5</b>  | <b>1.1</b> Contexto Internacional                                         |
| <b>5</b>  | <b>1.2</b> Contexto Nacional                                              |
| <b>5</b>  | <b>1.3</b> Mercado da Pinha e do Pinhão                                   |
| <b>7</b>  | <b>2. Incidências da Campanha</b>                                         |
| <b>7</b>  | <b>2.1</b> Evolução das Condições Climatológicas no Triénio               |
| <b>9</b>  | <b>2.2</b> Incêndios Florestais, Pragas e Doenças                         |
| <b>11</b> | <b>3. Fatores Determinantes da Estrutura de Custos da Apanha da Pinha</b> |
| <b>11</b> | <b>3.1</b> Energia                                                        |
| <b>12</b> | <b>3.2</b> Taxas de Juro                                                  |
| <b>13</b> | <b>3.3</b> Custos de Apanha                                               |
| <b>15</b> | <b>4. Caraterização da Campanha de 2016/2017</b>                          |
| <b>15</b> | <b>4.1</b> Enquadramento da Campanha                                      |
| <b>15</b> | <b>4.1.1</b> Oferta e Procura                                             |
| <b>16</b> | <b>4.2</b> Resultados do Inquérito                                        |
| <b>16</b> | <b>4.2.1</b> Caraterização do Universo dos Inquéritos                     |
| <b>16</b> | <b>4.2.2</b> Colheita e Comercialização                                   |
| <b>17</b> | <b>4.2.3</b> Preços de Comercialização                                    |



## NOTA PRÉVIA

Uma das principais lacunas existentes é a ausência de informação atualizada e periódica sobre o mercado da pinha, uma componente essencial para o equilíbrio das relações comerciais entre a oferta e a procura desta matéria prima. Considerou-se por isso que, face à importância que a pinha e o pinhão representam para o País, era necessário iniciar a implementação de um procedimento de compilação de informação relevante para a caracterização do mercado da pinha, possibilitando um maior conhecimento do mercado aos produtores.

Foi esta questão que determinou que a UNAC implementasse um procedimento de compilação de informação relevante para a caracterização do mercado da pinha, possibilitando um maior conhecimento das dinâmicas de mercado aos produtores.

A UNAC, em conjunto com as suas organizações de produtores florestais filiadas, realiza o Inquérito sobre a Comercialização da Pinha, que tem possibilitado a recolha junto dos produtores de um conjunto de indicadores relativos ao mercado da primeira transação de pinha.

Esta relevante iniciativa, que constitui a única forma de se obter uma perspetiva das tendências e preços da comercialização da pinha no decurso da campanha, depende exclusivamente da colaboração dos produtores florestais.

Por esse facto, não podemos deixar de agradecer a todos os associados que ao responder ao inquérito confiaram na sua Associação partilhando informações e promovendo o desenvolvimento do setor produtivo do pinheiro manso e da pinha.

## SUMÁRIO EXECUTIVO

No ano 2016 a economia mundial registou uma desaceleração e foi marcada por acontecimentos impactantes - referendo britânico e eleição presidencial nos EUA - que geraram picos de volatilidade e aumento da incerteza.

As exportações portuguesas de pinha/pinhão em 2016 registaram uma redução relativamente a 2015 de cerca de 18%, tendo atingido os 7,9 milhões de euros.

Apesar deste enquadramento o preço médio de comercialização da pinha colhida (preço de pinha colhida e pesada) foi de 0,68 €/kg, evidenciando um aumento de 25% face ao preço da campanha anterior.

O custo médio de apanha da pinha na campanha de 2016/2017 foi de 0,35 €/kg, registando-se um acréscimo de 21% face ao ano anterior.

# 1. ENQUADRAMENTO

## 1.1 CONTEXTO INTERNACIONAL

Em 2016 a economia mundial registou uma desaceleração, tendo atingido o crescimento mais baixo após a última crise económica e financeira internacional. O ano ficou também marcado por dois acontecimentos que tiveram impacto a nível económico e financeiro: o referendo britânico de junho e a eleição presidencial nos EUA em novembro, que geraram picos de volatilidade e aumento da incerteza na sequência destes dois acontecimentos (Boletim Económico, maio 2017, Banco de Portugal).

## 1.2 CONTEXTO NACIONAL

Em 2016, a atividade económica em Portugal apresentou um crescimento do PIB de 1,4%, após um crescimento de 1,6% em 2015. No conjunto de 2016, o crescimento do PIB em Portugal voltou a ser inferior ao da área do euro. A evolução da atividade económica em Portugal no período mais recente continua a ser caracterizada por um crescimento moderado, em particular tendo em conta a severidade e duração da recessão que a antecedeu. Neste contexto, sublinhe-se que o nível do PIB no final de 2016 foi cerca de 4% inferior ao registado no início de 2008 (Boletim Económico, maio 2017, Banco de Portugal).

## 1.3 MERCADO DA PINHA E DO PINHÃO

Em 2016 o mercado da pinha e pinhão apresentou um comportamento positivo a nível interno e negativo a nível externo.

No mercado interno, e de acordo com o inquérito à comercialização da pinha realizado pela UNAC na campanha 2016/2017, o preço médio atingiu os 0,68 €/kg, um aumento de 25% face ao ano anterior.

No mercado externo, as exportações portuguesas de pinha/pinhão em 2016 apresentaram uma redução relativamente a 2015 de cerca de 18%, tendo atingido os 7,9 milhões de euros.

Figura - Exportações de Pinha/Pinhão  
(Fonte: INE para o código 08029050)



**NOTA:** o INE utiliza o código 08029050 que apesar de corresponder a "Pinhões (*Pinus spp.*), frescos ou secos, com ou sem casca ou pelados", inclui também a pinha por processar.

## 2. INCIDÊNCIAS DA CAMPANHA

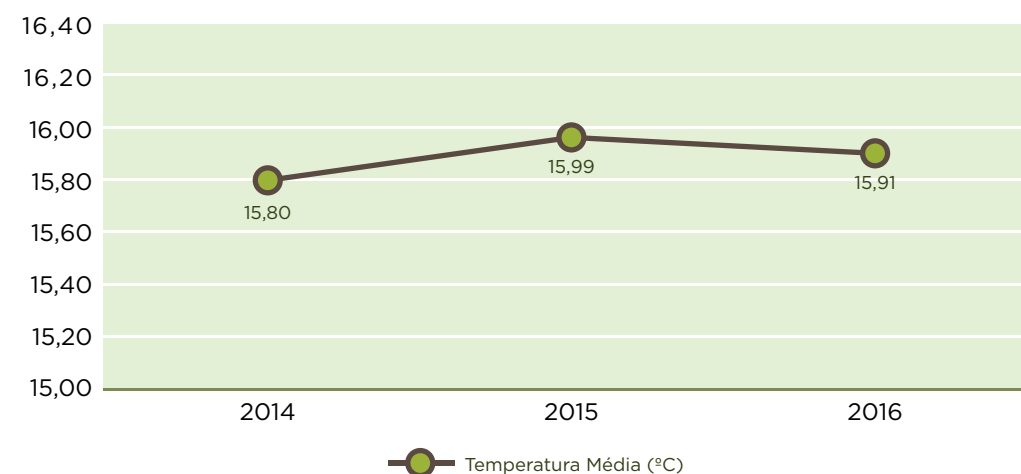
### 2.1 EVOLUÇÃO DAS CONDIÇÕES CLIMATOLÓGICAS NO TRIÊNIO

As condições climatológicas têm influência na produção de pinhas, existindo uma grande variação anual que depende de fatores climáticos sendo o mais limitante o stress hídrico. Em síntese, esses fatores podem ser sintetizados da seguinte forma:

- ▶ Um bom ano para a iniciação das pinhas terá que ser um ano com um grande número de flores, ocorrência que depende da precipitação no inverno do ano anterior;
- ▶ O tamanho das pinhas produzidas no terceiro ano, quando são colhidas, assim como o peso das pinhas e o peso em pinhão estão relacionados com a precipitação de fim de primavera / princípio do verão desse ano;
- ▶ Temperaturas extremas ou secas extremas durante qualquer período do ciclo de três anos na produção de pinhas irá reduzir substancialmente a produção de pinhão.

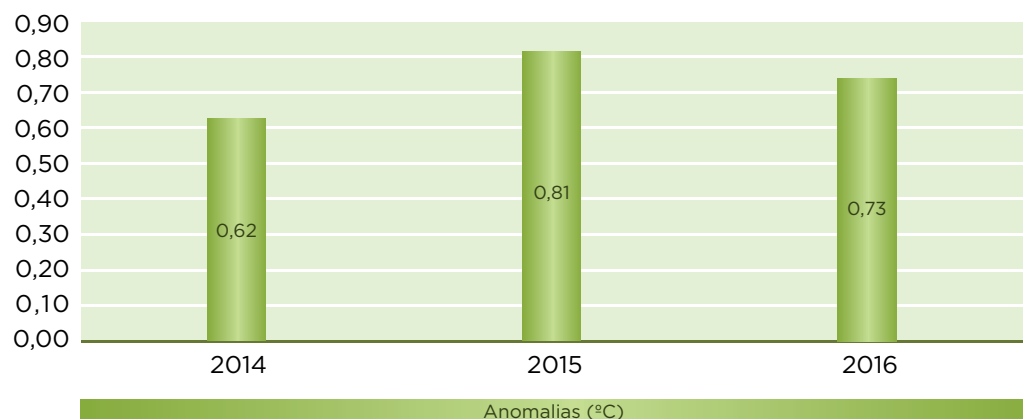
No período de formação da pinha (três anos) a temperatura média anual foi em todos os anos superior ao valor normal 1971-2000 (15,2°C). Os valores observados variaram entre 15,80°C e 15,99°C.

Figura - Temperatura média (°C) entre 2014-2016  
(Fonte: IPMA)



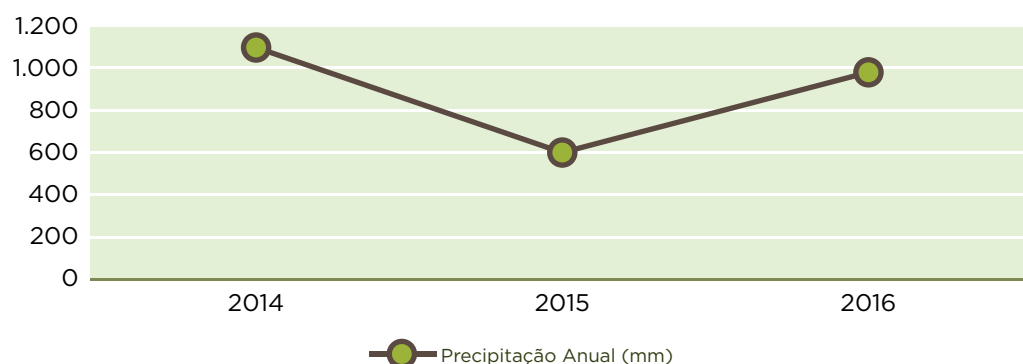
Assim sendo, as anomalias calculadas em relação ao valor médio 1971-2000 (15,2°C) foram positivas, sendo de realçar que em todos os anos foram superiores a 0,50°C.

Figura - Anomalias (em relação ao valor médio 1971-2000) da temperatura média (°C) entre 2014-2016  
(Fonte: IPMA)



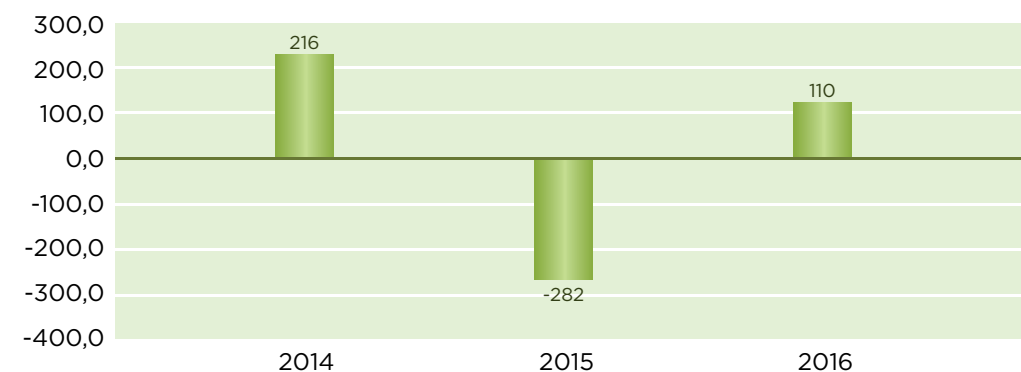
Na precipitação anual, e tendo em consideração o valor médio anual da normal 1971-2000, (882,1 mm) observa-se que apenas no segundo ano (2015) da formação da pinha a precipitação anual foi inferior ao valor médio anual da normal.

Figura - Precipitação anual (mm) entre 2014-2016  
(Fonte: IPMA)



Os valores das anomalias (ver Figura) indicam que no ano 2015 registou-se uma redução na precipitação anual de 32%. De acordo com o índice meteorológico de seca PDSI (Palmer Drought Severity Index), no final de dezembro de 2015, em alguns locais da região Centro e em quase toda a região Sul mantinha-se em situação de seca meteorológica fraca a moderada - cerca de 46 % do território estava em situação de seca fraca e cerca de 12% em seca moderada (IPMA, Boletim Climatológico Mensal - dezembro de 2015).

Figura - Anomalias (em relação ao valor médio 1971-2000) da precipitação (mm) entre 2014-2016  
(Fonte: IPMA)



Apesar destes dados serem de âmbito nacional, não refletindo as variações regionais e locais da precipitação, os períodos/meses em que a mesma ocorreu e as condições específicas de cada pinhal manso, não deixam de ser elucidativos quanto ao potencial impacto no crescimento e na formação da pinha.

## 2.2 INCÊNDIOS FLORESTAIS, PRAGAS E DOENÇAS

No ano 2016 os incêndios florestais tiveram um impacto residual no pinhal manso. De acordo com o Relatório Anual de Áreas Ardidas e Incêndios Florestais em Portugal Continental (ICNF, 2017), o ano 2016 caracteriza-se por um total de 13.261 ocorrências, das quais 21% correspondem a incêndios florestais (com área ardida  $\geq 1$ ha) e 79% a fogachos (ocorrências com área ardida  $< 1$ ha) que resultaram em 161.522,50 hectares, dos quais 48% em povoamentos florestais e 52% em matos, incluindo pastagens espontâneas. O total de ocorrências de 2016 evidencia uma redução de cerca de 14% em relação a 2015 e a um decréscimo de 31% face à média dos últimos 10 anos (2006 - 2015). Todavia a área ardida em 2016 duplicou relativamente à média dos últimos dez anos (+110%). O ano de 2016 constitui o segundo valor mais baixo em número de ocorrências e o valor mais elevado de área ardida no último decénio.

A área ardida estimada que afetou o pinheiro-manso é de aproximadamente 543 ha (0,7% da área ardida por espécie florestal), o que representa uma taxa de incidência de 0,2% da área nacional de pinhal manso.



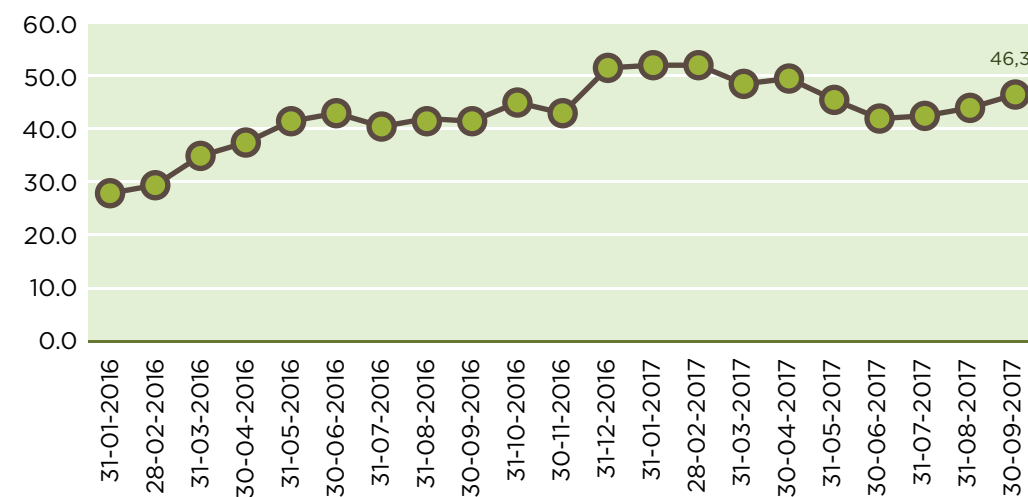
### 3. FATORES DETERMINANTES DA ESTRUTURA DE CUSTOS DA APANHA DA PINHA

#### 3.1 ENERGIA

O preço do petróleo registou um aumento significativo ao longo do período 2016 - 2017. Ainda que com uma quebra no primeiro semestre de 2017, no segundo semestre verificou-se uma tendência de retoma atingindo-se em setembro o preço de 46,3 EUR por barril, inferior aos 51,3 EUR por barril de 31 de dezembro de 2016 e, em particular, bastante superior ao valor de 28,4 EUR por barril ocorrido em janeiro de 2016. Esta evolução contribuiu em particular para a aceleração dos preços dos bens energéticos e para o aumento da inflação na área do euro em 2017, incluindo em Portugal.

O aumento do preço do petróleo refletiu, em grande medida, um crescimento da procura superior ao crescimento da oferta (aceleração da atividade económica global em 2017) e uma redução do nível de existências (cortes na produção resultantes do acordo entre os países da OPEP e outros produtores).

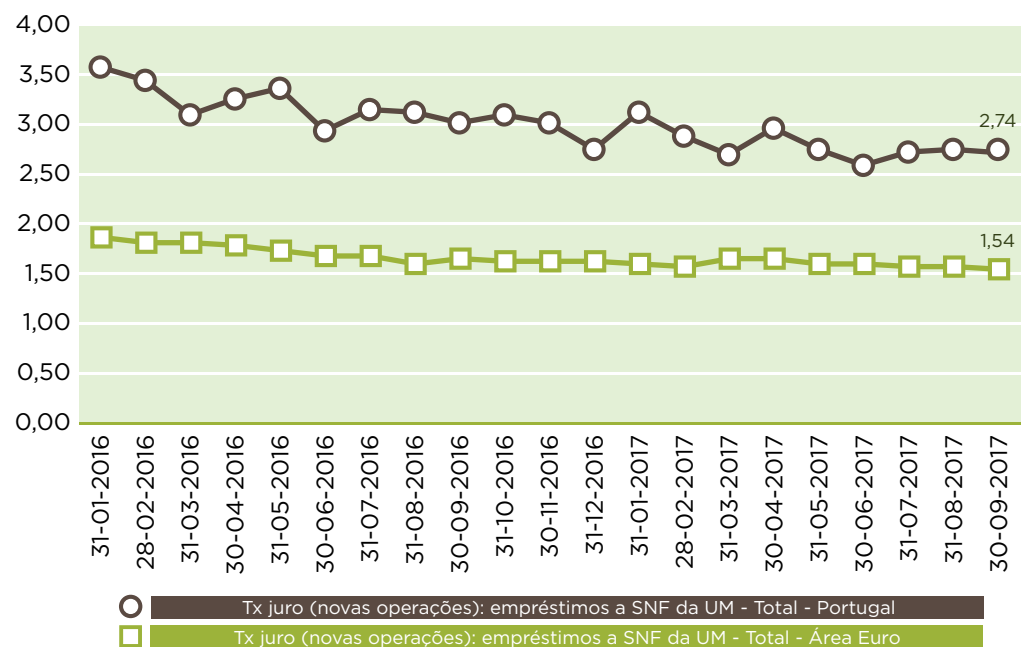
Figura - Preços do petróleo (EUR por barril) entre 2016-2017  
(Fonte: Banco de Portugal)



### 3.2 TAXAS DE JURO

No período 2016-2017 manteve-se a redução gradual da taxa de juro do crédito a sociedades não financeiras em Portugal, numa tendência de aproximação entre os valores das taxas em Portugal e as taxas médias da área do euro. Todavia as taxas em Portugal continuaram superiores à média da área do euro - 2,74% face a 1,54% para a área euro em setembro de 2017.

Figura - Taxas de juro de empréstimos a SNF (novas operações) (%)  
(Fonte: Banco de Portugal)

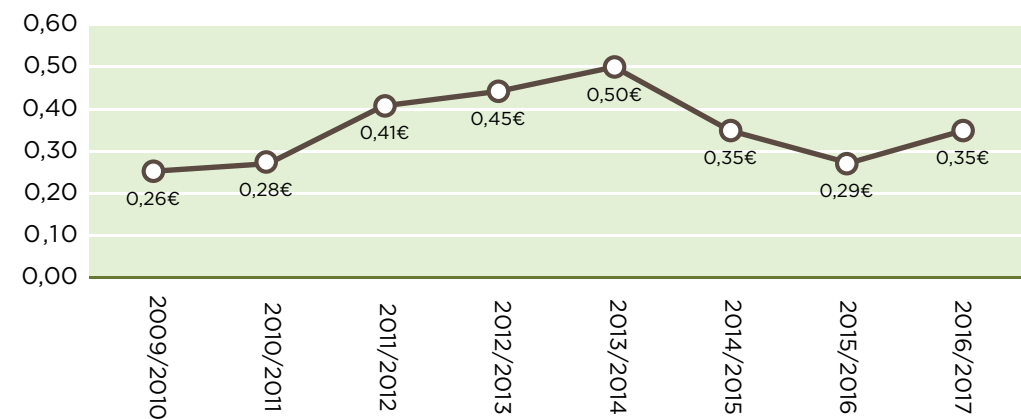


### 3.3 CUSTOS DE APANHA

O custo médio de apanha da pinha na campanha de 2016/2017 foi de 0,35€/kg, um acréscimo de 21% face ao ano anterior, tendo-se alcançado o valor da campanha 2014/2015.

A contribuição deste relevante parâmetro na estrutura de custos diminuiu relativamente à registada na campanha anterior – custo de apanha representou 51,10% do preço médio de comercialização em 2016/2017 e 52,73% em 2015/2016. Constatase que na campanha de 2016/2017, considerando a campanha de 2015/2016, manteve-se a tendência de decréscimo da contribuição dos custos de apanha na estrutura de custos, com a inversão da tendência de aumento verificada desde 2010/2011, com exceção das campanhas de 2012/2013 e de 2015/2016.

Figura - Custo de apanha de pinha (€/kg)  
(Fonte: UNAC)





## 4. CARATERIZAÇÃO DA CAMPANHA DE 2016/2017

### 4.1 ENQUADRAMENTO DA CAMPANHA

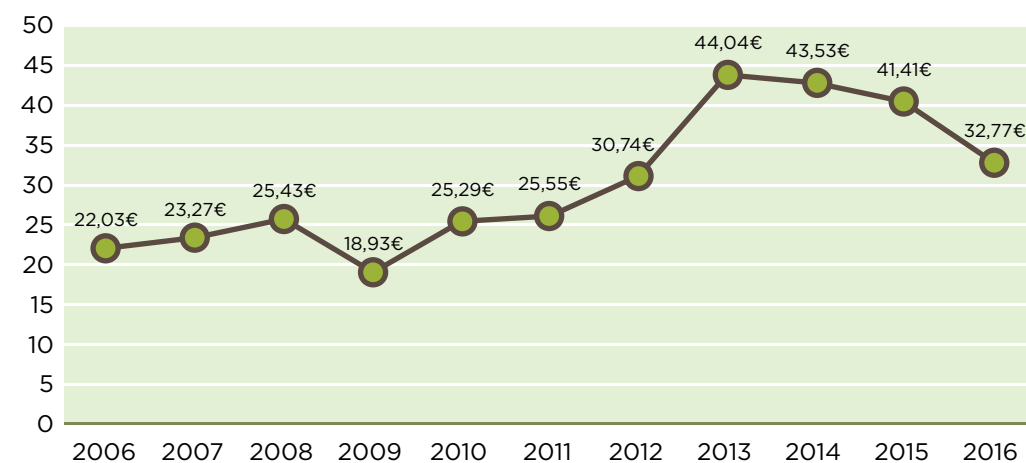
#### 4.1.1 OFERTA E PROCURA

A campanha de 2016/2017 iniciou-se com uma expectativa de subida ligeira do preço, e caracterizou-se por uma elevada heterogeneidade na produção de pinha e no rendimento de pinhão, e pela entrada de um novo operador – Pine Flavour. Este enquadramento conduziu à concretização da expectativa inicial de aumento de preço, tendo-se verificado uma recuperação do preço da pinha. No entanto, em 2016, as exportações portuguesas decresceram, tal como a cotação de miolo de pinhão na Bolsa de Reus.

Num contexto macroeconómico de desaceleração, de picos de volatilidade e aumento da incerteza a nível mundial, e num crescimento moderado da economia portuguesa, as exportações portuguesas de pinha/pinhão em 2016 decresceram relativamente a 2015 cerca de 18%, mantendo a tendência de redução verificada desde 2015. Nos últimos 2 anos, 2015 e 2016, as exportações portuguesas de pinha/pinhão diminuíram 46%, alcançando em 2016 o valor de 7,9 milhões de euros.

De acordo com a evolução da cotação de miolo de pinhão 2006 – 2016 na Bolsa de Reus (mercado entre a indústria e a distribuição) em 2016 manteve-se a tendência de decréscimo (20,87% face a 2015) do preço iniciada em 2014, após o pico de preço registado em 2013.

Figura - Evolução da cotação do miolo de pinhão 2006-2016 (€/kg)



## 4.2 RESULTADOS DO INQUÉRITO

### 4.2.1 CARATERIZAÇÃO DO UNIVERSO DOS INQUÉRITOS

No âmbito desta campanha rececionaram-se 50 respostas aos inquéritos efetuados, dispersos por 17 concelhos, com uma dimensão total de pinha colhida de 2.166 toneladas (considerando apenas inquéritos com pesagem de pinha).

### 4.2.2 COLHEITA E COMERCIALIZAÇÃO

A colheita de pinha no âmbito desta campanha foi efetuada de forma manual para 82% e de forma manual e mecanizada para 16% dos produtores florestais inquiridos. Relativamente à campanha anterior observa-se um aumento do número de inquiridos que realizou colheita manual e mecanizada, uma vez que em 2015/2016 apenas um inquérito declarou utilizar este tipo de colheita, complementada por colheita manual. A mecanização da colheita apresenta ainda uma baixa representatividade, eventualmente justificada pelo reduzido número de operadores no mercado e pelo receio existente em relação aos potenciais efeitos sobre as produções futuras, o que não se tem verificado em ensaios realizados.

Relativamente à responsabilidade da apanha da pinha (que pode ser realizada pelo produtor ou, quando a pinha é vendida na árvore, realizada pelo comprador), constata-se que 54% dos produtores optou por assumir a responsabilidade da colheita da pinha. Nesta campanha verificou-se a manutenção da representatividade dos produtores que assumiram a responsabilidade da colheita da pinha, 54% e 56% nas campanhas de 2016/2017 e 2015/2016, respetivamente.

Relativamente à modalidade da venda da pinha (que pode ser realizada por pesagem, após a apanha, ou na árvore, quando a pinha é vendida antes da apanha), cerca de 18% dos produtores efetuaram a venda de pinha na árvore, sem pesagem, e 82% por pesagem. Estes resultados demonstram um aumento da percentagem de produtores inquiridos que vendem por pesagem relativamente à campanha anterior, em 2015/2016 apenas cerca de 69% dos produtores efetuaram a venda de pinha por pesagem. Salienta-se que a repartição observada nos inquéritos não representa a situação atual do mercado de comercialização da pinha, optando a maioria dos produtores por vender a pinha na árvore desconhecendo no momento da venda a quantidade real transacionada.

Nos inquéritos de 2016/2017 relativamente à natureza do agente de comercialização o apanhador e a indústria representaram 36% dos inquiridos - valor igual para as duas tipologias de agente de comercialização. O intermediário foi o agente de comercialização de 28% dos inquiridos.

Quanto ao destino, 84% da pinha colhida foi vendida no mercado nacional e 16% foi exportada.

Figura – Agente de comercialização  
(Fonte: UNAC)

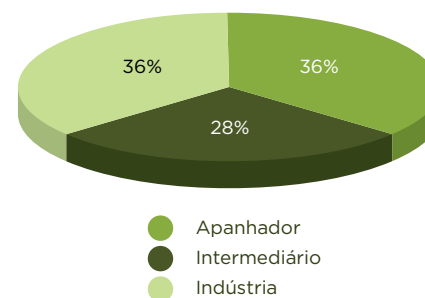
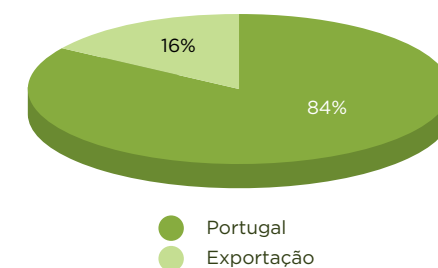


Figura – Destino comercial da pinha  
(Fonte: UNAC)

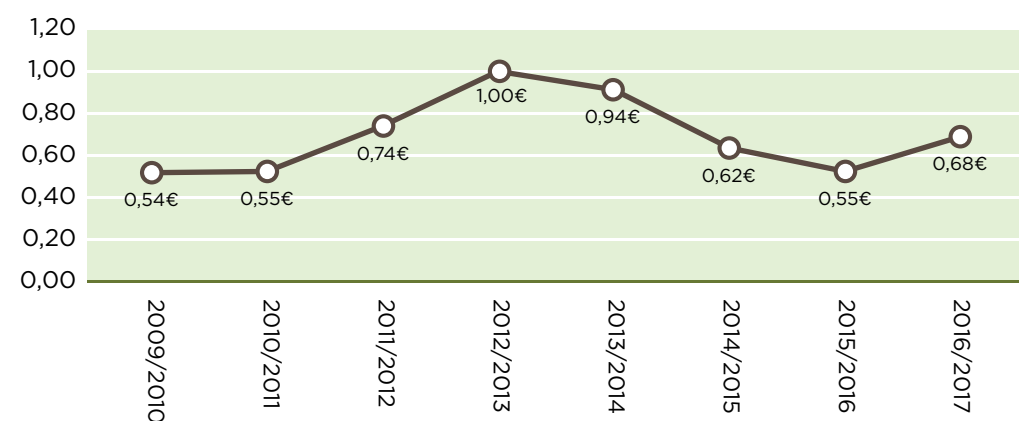


### 4.2.3 PREÇOS DE COMERCIALIZAÇÃO

O preço médio de comercialização da pinha colhida (preço de pinha colhida e pesada) na campanha 2016/2017 foi de 0,68 €/kg, um aumento de 25% face ao preço do ano anterior.

Na campanha de 2016/2017 o preço médio de comercialização da pinha colhida inverteu a tendência de decréscimo verificada na sequência do pico de preço registado em 2012/2013 (1,00 €/kg). Porém, o aumento de preço registado não acompanhou o decréscimo observado na cotação do miolo de pinhão na Bolsa de Reus em 2016, nem o decréscimo das exportações nacionais verificado nesse mesmo ano.

Figura - Evolução do preço de comercialização da pinha (colhida e pesada)  
2009-2016 (€/Kg)







***unac***



União da Floresta Mediterrânica

R. Mestre Lima de Freitas 1, 1549 - 012 Lisboa  
Tel.: +351 21 710 00 14 | Fax: +351 21 710 00 37  
E-mail: [geral@unac.pt](mailto:geral@unac.pt)  
**[www.unac.pt](http://www.unac.pt)**